

# Criatividade, competição e produtividade parcial de construções sob o olhar de Adele E. Goldberg: uma resenha de *Explain me this*

Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto

Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: lauriefm@hotmail.com.

## Resenha de

GOLDBERG, Adele E. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

Recebido em: 29/02/2020

Aceito em: 08/05/2020

*Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions* é o livro mais recente de Adele E. Goldberg, publicado em 2019. Como pondera a própria autora, a obra, destinada a estudantes, professores e pesquisadores interessados no tema, consiste em uma introdução ao estudo de como aprendemos e usamos o nosso conhecimento complexo de línguas. Adele E. Goldberg é professora do Departamento de Psicologia da Universidade de Princeton e tem como interesses de pesquisa a aquisição, o processamento e a psicologia da linguagem e a modelagem computacional de aprendizagem de construção. A obra resenhada é coerente com outros importantes trabalhos da autora, entre os quais se destacam as produções intituladas *Constructions: a construction grammar approach to argument structure* (1995) e *Constructions at work: the nature of generalization in language* (2006), amplamente referenciadas nos estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil e no mundo.

Ainda sem tradução do inglês, *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions* filia-se à abordagem construcional baseada no uso – nos termos de

Goldberg (2006), Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013), entre outros –, tendo como foco de estudo o pareamento forma-função na organização da rede de construções que compreende nosso conhecimento da língua, bem como o papel da memória e o conhecimento prévio. O objetivo principal de Goldberg, nessa obra, é compreender melhor quando, por que e como os falantes nativos de uma língua (L1) aprendem a ser parcial, mas não totalmente criativos; isto é, como aprendem a combinar palavras de maneira criativa, mas com restrições. O trabalho singular da autora baseia-se em estudos experimentais e de *corpus*, sobretudo acerca da língua inglesa. O livro se organiza em oito capítulos bastante didáticos e substanciais, ricos em exemplificações e escritos com uma linguagem acessível aos estudiosos da área, corroborando o perfil de suas demais produções. Destaca-se, ainda, que a obra é organizada de maneira a facilitar a compreensão do leitor, visto que, ao final de cada capítulo, Goldberg fornece uma sumarização de toda a discussão empreendida.

Na introdução, ou capítulo 1, a autora lança o seguinte questionamento, que será retomado ao longo de seu texto: como os falantes sabem que devem evitar determinadas construções, ao mesmo tempo em que podem ser criativos no uso da língua? Por exemplo, falantes nativos de inglês utilizam, com frequência, as construções *tell me something* e *tell something to me*, mas, com o verbo *explain*, usam somente a construção *explain this to me*, uma vez que *?explain me this*<sup>1</sup> lhes parece pouco convencional. Com base em tal exemplificação, a autora aponta que, embora sejamos criativos, nossa criatividade é restringida por uma série de fatores condicionantes. Nesse sentido, as construções da língua são, de acordo com Goldberg, parcialmente produtivas; isto é, não é qualquer palavra que preenche o *slot*<sup>2</sup> de uma construção. Partindo da constatação de que construções como *?explain me this* são tão raramente proferidas por falantes nativos que nenhuma correção sistemática é necessária, a autora, então, convida os leitores a pensar em como esses aspectos da língua são aprendidos.

De acordo com Goldberg, os falantes, para expressar uma determinada mensagem, equilibram a necessidade de ser expressivos (mediante o uso de formas novas e mais longas) e eficientes (mediante o uso de formas comuns e menores), obedecendo a convenções de sua comunidade de fala (seguindo

<sup>1</sup> A autora, ao longo do texto, utiliza o ponto de interrogação antecedendo a construção *explain me this*, justamente para sugerir um uso não convencionalizado entre falantes nativos de inglês.

<sup>2</sup> As dimensões representativas de uma construção são preenchidas em termos de espaços (*slots*) dentro de um determinado esquema. Desse modo, o *slot* constitui uma possibilidade de preenchimento por estruturas simbólicas.

os padrões fornecidos pelo *input*). Nesse contexto, a autora sugere que, no entanto, falantes nativos julgam a construção mais longa *explain this to me* como sendo mais adequada para expressar o significado pretendido do que a construção mais curta *?explain me this* por conta da familiaridade, porque desejamos falar como as outras pessoas da nossa comunidade, de modo que familiaridade tende a ser mais importante do que facilidade de articulação.

Uma vez que o seu objetivo principal, nessa obra, é refletir sobre como os falantes são capazes de evitar o uso de construções como *?explain me this*, cujo significado é perfeitamente claro, no capítulo 2, Goldberg convida o leitor a, inicialmente, pensar sobre como os falantes aprendem a usar palavras individuais de maneira apropriada. A autora propõe que os significados das palavras estão ancorados no conhecimento que os falantes têm dos contextos em que elas tendem a ocorrer (conhecimento contextual dos significados das palavras e da combinação entre palavras) e que o primeiro encontro com uma palavra é capaz de deixar rastros de seu uso na memória, assegurando que o cérebro humano tem uma vasta capacidade de memória implícita (ou seja, que somos capazes de registrar informações contextuais bastante detalhadas e específicas sobre a forma, o significado e o contexto das palavras, ainda que de maneira inconsciente). E, na medida em que ocorrem novos encontros com uma palavra, novos aspectos contextuais são adicionados, formando um aglomerado dinâmico de representações estruturadas sobrepostas situadas em nosso espaço conceptual hiperdimensional (conhecimento da língua que faz parte da nossa memória associativa, em que são armazenadas nossas representações, ou exemplares, incluindo informações contextuais) e dando origem ao que a autora denomina *cluster* emergente – que constitui uma palavra coerente ou lema.

Além de os significados serem apreendidos à medida que as palavras são testemunhadas em contextos adicionais, a autora acrescenta que eles são limitados pela competição com outras palavras, porque cada palavra está associada a uma rede de *frames* semânticos e porque determinadas palavras não podem ser combinadas. Sendo assim, os falantes evitam supergeneralizações e subgeneralizações na medida em que novas palavras entram em seu vocabulário e eles testemunham como estas são usadas em contextos particulares. É nesse

contexto que Goldberg argumenta que os mecanismos envolvidos na aprendizagem e na restrição de significados de palavras e de construções gramaticais são os mesmos, tendo em vista que as construções, assim como as palavras, formam uma rede de conhecimento inter-relacionado no nosso espaço conceitual hiperdimensional, constituindo um *constructicon*.

O capítulo 3 é dedicado à apresentação dos fatores condicionantes que restringem o modo como as construções gramaticais são usadas, os quais incluem propriedades formais (fonologia, morfologia e sintaxe), de significado (semântica), de função discursiva (estrutura da informação) e contextuais (sociais e dialetais). A autora demonstra, por exemplo, que as construções de estrutura argumental impõem restrições à interpretação dos enunciados, como ocorre em *Sam baked Chris a cake* e *Sam baked a cake for Chris*. Na primeira sentença, a construção bitransitiva expressa que Sam assou o bolo com a intenção de entregá-lo a Chris; já na segunda sentença, a construção transitiva pode significar, por exemplo, que Sam assou o bolo para outra pessoa, em vez de Chris, porque Chris não se sentia bem. No que diz respeito à fonologia, conforme expõe Goldberg, na construção bitransitiva inglesa, por exemplo, elegem-se verbos que soam como se fossem de origem germânica (como *tell*), e não latina (como *explain*), o que explica o fato de *explain* resistir à construção bitransitiva (*?explain me this*).

Mas como os falantes aprendem esses fatores condicionantes tão específicos? Goldberg propõe que a solução para o problema da construção *?explain me this* se encontra no fato de que generalizações e exceções são aprendidas pelos mesmos mecanismos – o da abrangência ou cobertura e o da competição. É destacado, nesse sentido, o papel da memória na aprendizagem do significado das palavras, das combinações de palavras e das construções gramaticais. Segundo a autora, o nosso espaço conceitual hiperdimensional agrupa, de maneira dinâmica, exemplares estruturados e parcialmente abstratos, de modo que tal agrupamento gere generalizações de restrições semânticas, de estrutura da informação, sintáticas, morfológicas e fonológicas e licencie novas expressões que cabem confortavelmente em um *cluster* existente, que relaciona propriedades formais com aspectos relevantes da mensagem no contexto. Sendo assim, no capítulo 4 do livro, é desenvolvido

o conceito de abrangência ou cobertura (*coverage*). O grau da abrangência é definido como o grau com que as instâncias atestadas preenchem ou “cobrem” uma categoria. Dessa maneira, quanto mais variáveis são as instâncias atestadas, maior é o alcance de uma construção.

No capítulo 5, Goldberg evidencia que o que restringe a produtividade e a generalização de uma construção é a competição, isto é, a existência de uma formulação alternativa mais acessível no momento da fala, a qual transmita a mensagem pretendida no contexto. A autora exemplifica com o sufixo *-er*, que, no inglês, quando adicionado a verbos, forma substantivos agentes, como em *teacher*, *skier*, *listener* e *speaker* e, mais recentemente, em *blogger* e *texter*. Todavia, como já usamos *cook* e *spy* como substantivos agentes, novas formulações como *?cooker* e *?spier* são consideradas malformadas. Goldberg propõe, dessa maneira, que a repetição de formulações convencionais em determinados contextos as torna mais acessíveis para expressar mensagens já atestadas. Sendo assim, quando existe uma formulação prontamente disponível para expressar a mensagem pretendida no contexto, qualquer nova formulação será considerada relativamente malformada, porque pretendemos adaptar-nos à nossa comunidade de fala. Porém, quando não há uma combinação de construções prontamente acessível e disponível, os falantes estendem a língua de forma criativa. Logo, Goldberg defende que a competição é relevante na aprendizagem de formas e significados de palavras, bem como ajuda os falantes a evitar supergeneralizações excessivas. Nesse sentido, a autora explica que, quando julgamos a construção bitransitiva *?explain me this* como estranha, é porque a comparamos implicitamente com a alternativa testemunhada frequentemente, a construção de movimento causado (*to*-dativo) *explain this to me*.

No capítulo 6, a atenção da autora volta-se para os efeitos da idade e das diferenças de experiências anteriores, que afetam o aprendizado de línguas, e para um aparente paradoxo na pesquisa de L1 (língua nativa): as crianças são menos criativas do que os adultos e, portanto, mais conservadoras; por outro lado, as crianças também são mais propensas a simplificar e a supergeneralizar do que os adultos. Goldberg reconhece que as crianças são menos hábeis em relacionar fragmentos de conhecimento dentro de seu espaço conceitual

de alta dimensão. Sendo assim, quando elas não conseguem identificar ou fazer uso de similaridades ou paralelos relevantes entre os exemplares, por vezes elas não generalizam e se comportam de maneira conservadora, usando construções testemunhadas anteriormente; outras vezes, quando as crianças não conseguem identificar ou utilizar distinções relevantes entre os exemplares, elas simplificam demais, o que resulta em supergeneralização ou “regularização”. De acordo com a autora, a tendência de simplificar ou “regularizar” decorre, principalmente, do fato de que as crianças são obrigadas a tentar usar um sistema complexo que elas ainda não dominam. Todavia, quando elas aprendem os fatores condicionantes relevantes para cada construção – como significado, estrutura da informação, registro, dialeto e morfofonologia – e quando se tornam mais fluentes em acessar a memória, elas começam a usar as construções gramaticais de maneira adequada.

Ainda no capítulo 6, a autora destaca que alunos adultos de língua estrangeira (L2) têm dificuldade em evitar formulações estranhas, como, por exemplo, *?explain me this*, e tendem a perder semelhanças e distinções muito sutis, que não são relevantes em sua primeira língua. A autora sugere que, além de os alunos adultos alterarem aspectos do espaço conceitual hiperdimensional que representam a língua, eles precisam inibir sua língua nativa bem entrincheirada a fim de processarem uma nova língua, e isso parece levar a uma capacidade reduzida de prever opções gramaticais e de tirar o máximo proveito da competição entre construções dentro da L2 (segunda língua).

No capítulo 7, é feita uma revisão de várias propostas alternativas recentes (como é o caso da proposta de Ben Ambridge acerca do conservadorismo via entrincheiramento; de acordo com essa proposta, os falantes evitam se afastar do que testemunharam, de modo que, por exemplo, quanto mais um verbo é testemunhado em uma determinada construção da língua, mais resistente deve ser o seu uso em uma construção nova) que visam a explicar a produtividade parcial das construções. Nesse contexto, a autora defende que a abordagem construcional baseada no uso explica os fatos de maneira mais completa do que abordagens alternativas, uma vez que cada proposta apresentada, embora reconheça que as construções têm restrições, falha em explicar de onde tais restrições

vêm e são aprendidas ou, ainda, em assumir a criatividade do falante no uso da língua. Goldberg defende que a nossa memória para a língua é bastante vasta e o armazenamento gera generalização, e esta, o armazenamento. Desse modo, a existência de um *cluster* abrangente na memória facilita a geração de novos exemplares, o que, por sua vez, aumenta o alcance do *cluster*. Portanto, a abordagem construcional baseada no uso pressupõe que os falantes devem testemunhar e usar a língua em uma ampla variedade de contextos para se tornarem usuários altamente qualificados.

Por fim, no capítulo 8, a autora fornece uma sumarização de toda a discussão empreendida nos capítulos anteriores, ao mesmo tempo em que apresenta as limitações de seu estudo que ainda precisam ser superadas.

*Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions* consiste, de fato, em uma importante contribuição às pesquisas linguísticas baseadas no uso e aos estudos desenvolvidos no âmbito da Gramática de Construções – principalmente àqueles que têm como objetivo explicar como aprendemos e usamos o nosso conhecimento complexo de línguas. Ainda, a obra constitui uma leitura de referência sobretudo para os estudiosos da área, uma vez que a discussão empreendida pressupõe o conhecimento prévio da teoria linguística adotada.

## REFERÊNCIAS

BYBEE, J. L. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

**Creativity, competition and partial productivity of constructions by Adele E. Goldberg: a review of “Explain me this”**

*Review of the book:*

GOLDBERG, Adele E. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.